

O SENÃO DO LEITOR: A ORDEM DE UMA REFLEXÃO

Darlan de Oliveira Gusmão Lula (UFF)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

O presente trabalho propõe a análise de Brás Cubas, personagem de **Memórias póstumas de Brás Cubas** de Machado de Assis, a partir de sua condição diferencial da figura do escritor que, dessa forma, será encarado mais como um “autor entre autores” do que como um “autor de autores”. Isso fará com que Brás Cubas não seja mais visto como a criatura diante do seu Criador (dilui-se o seu caráter demiurgo). Ele ganha *status* de responsável por tudo quanto lhe é imputado, já que está sozinho para responder pelos seus atos.
Palavras-chave: Autor. Leitor. Brás Cubas.

ABSTRACT

This work proposes an analysis of Brás Cubas, main character of the novel **Memórias póstumas de Brás Cubas**, by Machado de Assis, considering his unique condition as a writer that turns him much more as an “author among authors” than an “author of authors”. That makes the character Brás Cubas not be seen as a creature in front of his creator anymore (that loses the demiurge aspect). He gets the status of being responsible for all that is imposed to him, once he is by himself to answer to his acts.

Keywords: Author. Reader. Brás Cubas.

1 INTRODUÇÃO

[...] os escribas do antigo Egito complicaram desnecessariamente a escrita hieroglífica: era uma forma de conservarem e até de ampliarem sua posição hierárquica. Os tempos e as ciências mudaram, mas o princípio de complicar para valorizar-se permanece em vigor.

Língua e Poder

Editorial da Folha de São Paulo – 29 de junho de 2003

Já não nos admiramos com as extensas citações a Machado de Assis (1839-1908) nos meios acadêmicos e literários. Figura canônica e um dos maiores escritores em nossa língua, deu-nos o legado de grandes obras como **Memórias póstumas de Brás Cubas** (1881)¹ e **Dom Casmurro** (1900). Como vários críticos que se perfilaram em torno dos textos do bruxo do Cosme Velho, de José Veríssimo a Roberto Schwarz, de Helen Caldwell a Abel Barros Baptista, estamos aqui neste estudo para propormos mais uma análise que auxiliará na recepção da obra do já consagrado escritor brasileiro.

Machado de Assis, diferentemente de seus colegas contemporâneos, propôs uma alternativa de composição que se singulariza em sua obra: a questão da autoria. Nos dias de hoje, essas questões ligadas ao autor e o texto, ao texto e o leitor, ao leitor e o autor estão sendo estudadas com afinco. Machado, há mais de cem anos atrás, tentava lidar com essa demanda no Brasil. Foi a partir de **MPBC** que ele:

fez do recurso ao autor suposto o traço distintivo da sua assinatura e que a chamada segunda fase consiste na passagem para uma rede diferencial de assinaturas siamesas, a um tempo diferidas e simultâneas, discerníveis e inseparáveis – Machado e Brás Cubas, Machado e Dom Casmurro, Machado e o conselheiro Aires -, em que o nome de Machado é ao mesmo tempo o nome antes dos outros nomes e um nome entre outros: autor de autores e autor entre autores (BAPTISTA, 2003, p. 14).

Propomos, neste estudo, a análise de Brás Cubas a partir de sua condição diferencial, diferida e discernível da figura de Machado de Assis

¹ De agora em diante citado como **MPBC** e respectivas citações retiradas de **Obra Completa** (1997) da Editora Nova Aguilar.

que, dessa forma, será encarado mais como um “autor entre autores” do que como um “autor de autores”. Isso fará com que Brás Cubas não seja mais visto como a criatura diante do seu Criador (dilui-se o seu caráter demiurgo). Ele ganha status de responsável por tudo quanto lhe é imputado, já que está sozinho para responder pelos seus atos. É o próprio sujeito da sua história. Agora terá que se defender por conta própria quando dissermos que ele, ao tecer as suas memórias, torna-se “um narrador voluntariamente importuno e sem credibilidade (SCHWARZ, 2000, p. 19)”.

Embora o que foi dito anteriormente seja um convite inquietante à reflexão, sabemos que, ao considerarmos Brás Cubas um sujeito irrefletidamente operante, desenvolveremos a proposta de nosso estudo partindo da análise de alguns trechos pertinentes do livro **MPBC** que procure dirimir algumas questões como: o que leva Brás Cubas a ser um sedutor discursivo, como ele faz para conquistar o leitor, e que leitor é esse?

Em vários momentos da narrativa ele se dirige ao leitor, fala dele, com ele e sobre ele. Podemos chamar essa figura presente na narrativa de leitor de papel. Aqui ele se apresenta mais como metáfora da conversão discursiva, é utilizado para atingir a outro leitor, o leitor referencial (ou de existência real). Dessa forma, a concepção do leitor implícito sugerida por Wolfgang Iser em **O ato da leitura** aproxima-se da definição de leitor de papel sugerida aqui:

à diferença dos tipos de leitor referidos, o leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis. Em consequência, o leitor implícito não se funda em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto (1996, p. 73, grifo nosso).

Isso quer dizer que os textos só adquirem sentido na consciência receptiva do leitor. “A concepção do leitor implícito designa então uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor (ISER, 1996, p. 73, grifo nosso).” As considerações são consoantes com a nossa proposta, já que, na teoria de Iser, há uma função central do leitor implícito: ele proporciona aos leitores reais de diferentes épocas a “interpretarem” e referenciem o texto em sua peculiaridade (ISER, 1996, p. 78).

No entanto, o leitor de papel se difere do leitor implícito no sentido

de que ele só se confirma na sua existência para preceder o leitor referencial. Ele é uma metáfora do que se sugere ao leitor referencial (quase um seu outro-eu), distanciando-se de algumas operações sugeridas pelas teorias de Iser, que levam em conta perspectivas do texto na ordem da ficção do leitor, do papel do leitor, a intencionalidade e preenchimento da estrutura textual, elementos conceituais que ajudam a projetar o caráter do leitor implícito do teórico Wolfgang Iser.

O recorte e o caráter minimalista do conceito de leitor (e suas variantes) operados no estudo se justificam porque o que já foi apresentado dá conta do que nos propusemos a fazer, já que o que estão em jogo são os volteios discursivos de Brás Cubas que tenta desqualificar a figura do leitor de papel, dando pistas falsas ao leitor referencial, fundando, assim, um discurso discricionário e coercitivo.

2 O RITUAL DOS DISCURSOS E SEUS PODERES COERCITIVOS

Não, senhora minha, não pus a pena na mão, à espreita do que me viessem sugerindo. Se quer compor o livro, aqui tem a pena, aqui tem papel, aqui tem um admirador; mas, se quer ler somente, deixe-se estar quieta, vá de linha em linha; dou-lhe que boceje entre dois capítulos, mas espere o resto, tenha confiança no relato destas aventuras. Machado de Assis em **Esau e Jacó**, cap. XXVII

Brás Cubas nasceu em uma família abastada do Rio de Janeiro do século XIX, cresceu mimado e protegido. Em determinado momento de suas memórias, ele nos oferece um “curto esboço genealógico” de sua família: o trisavô era um humilde tanoeiro, enriquecido à custa de seu trabalho; o bisavô um licenciado em Coimbra; e o pai um burguês ambicioso e imaginativo que, para fugir ao apelido de Cubas que lhe cheirava excessivamente a tanoaria, alegava “que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros (MPBC, cap. III)”. Para completar, deu o nome ao filho o mesmo do “Capitão-mor, Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592 (MPBC, cap. III)”.

Dessas descrições, podemos perceber certa atitude da família de se tentar encobrir a origem humilde, já que os Cubas se encontravam, posteriormente, inseridos nas malhas da classe privilegiada. Essa origem tão expurgada dos salões sociais foi definitivamente suspensa quando, em um movimento de imaginação, substituiu-se o passado pobre e sem brilhos por outro heróico, dando ao Brás Cubas referencialidade nobre e fundadora da nossa terra. Não é à toa que ele chega a nos dizer que “dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor (MPBC, cap. XI)”, pois o ciclo da consumação dos privilégios foi completado, a origem pobre foi transubstanciada, ele passa a ser genuinamente membro do patriarcalismo vigente. Detém os privilégios de possuir uma educação institucional e “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 1996, p. 44)”.

Dessa forma, ele já está em condições propensas de dizer algo e ser ouvido atentamente por nós; mais ainda: ele está apto a praticar uma “sujeição do discurso”, já que se encontra em outra esfera discursiva. Seu trisavô, o humilde tanoeiro, não poderia nunca fazer o que o seu trineto fez, senão ouvir atentamente como nós.

O nosso Brás Cubas quer mais, não está satisfeito, tentando nos convencer de que, por estar morto, pode dizer o que quiser:

Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! [...] Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados (MPBC, cap. XXIV).

Mas ele sabe que não é bem assim, pois o desdém maior é aquele que nem se ouve falar da coisa desdenhada. Fala-se nela porque há um incômodo. Brás não nos quer fazer perceber que, para ele, também há “interdição” e “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 1996, p. 9)”.

O nosso finado desdenhoso narra achando que vai se libertar das amarras discursivas, pois o que ele quer a todo custo é o seu “objeto do

desejo”: o discurso, que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10)”.

Torna-se uma falácia quando alguém tenta se apoderar plenamente dos discursos. Brás Cubas percebe isso, mas tenta mascarar essa realidade aos nossos olhos, sujeitando-nos ao seu discurso. Para entendermos melhor a intenção dele, façamos uma análise do “Ao leitor”, texto este situado no início de suas memórias. Já no primeiro contato, sabemos que nos são endereçadas, ou seja, a quem se interessar em ler as memórias de um finado:

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, cousa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinqüenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. (MPBC, “ao leitor”)

Ao lermos esse trecho – nós leitores, sentimo-nos um pouco escritores, vestimos a pele de Brás Cubas, compadecemos-nos com sua sinceridade ao dizer que o seu livro atingirá a mediocridade de não ter um público leitor vasto, confiando a apenas cinco, quem sabe até menos, a tarefa de não ter tido um trabalho vão, fadado ao esquecimento². No entanto, talvez ele queira dizer a nós, leitores, que podemos não ter a capacidade o suficiente para fazermos a leitura de suas memórias, fazendo com que o seu livro acabe nos excluindo do discurso, e não o contrário. Ele nos determina as condições de funcionamento dos discursos, impõe-nos certo número de regras e não permite que a maioria de nós tenha acesso a elas, já que ele nos motiva a pensar que, como nos diz Foucault,

ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos eostas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala (FOUCAULT, 1996, p. 37).

² Mas, segundo ele, mesmo esquecido, valerá a pena ter escrito as suas memórias, pois algum dia ela poderá vir à lume nas mãos de um bibliômano que reconhecerá no livro “um exemplar único!”, ostentando assim a posse de uma raridade. Ver cap. LXXII.

Há uma restrição do discurso, mesmo quando não parece haver. Mas por que algumas regiões do discurso nos são altamente proibidas? O que Brás nos quer ocultar? Essas indagações despertam o interesse do presente estudo, e, em momento apropriado, faremos o possível para sugerir uma proposta. Por enquanto, devemos prosseguir o caminho de análise. Brás, assim, continua a sua apresentação:

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. (MPBC, “ao leitor”)

Sendo uma obra difusa, poucos a entenderão. Nesse caso, sugere-se aí uma exigência do saber, como se Brás dissesse: “se não há conhecimento por parte de vocês (leitores) de colegas meus escritores como Stendhal, Sterne ou Xavier de Maistre não estão aptos a penetrarem no meu núcleo de entendimento, no que eu poderia denominar de ‘sociedade de discurso’”, “cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição (FOUCAULT, 1996, p. 39)”. Nós somos informados, desde já, que estamos desprovidos da fecundidade necessária para acompanharmos a multiplicidade dos comentários e os recursos infinitos de criação dos discursos por esse autor, tanto que ele já se acha privado da estima e do amor das duas colunas máximas da opinião:

Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião. (MPBC, “ao leitor”)

As “colunas da opinião” também não podem chegar aos meandros da obra porque, segundo sugere o autor Brás Cubas, estão desprovidas do saber, têm somente a “vontade de verdade”, que é a vontade de dizer o

“discurso verdadeiro”. Brás Cubas instaura esse modo discursivo sabendo que o “discurso verdadeiro” é aquele “pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido (FOUCAULT, 1996, p. 15)”, ao contrário das gentes grave e frívola que têm a sua “vontade de verdade”.

Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Brás Cubas sabe que, para desenvolver o seu ritual, ele tem que manter essa estrutura discursiva, fazendo com que os leitores não contornem essa “vontade de verdade” e a recoloque contra a verdade que ele representa. Dessa forma, ele mantém e justifica a interdição, evita contar contando, mas de maneira tão “obscura e truncada” que se torna ininteligível e fica salvaguardado:

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus. (MPBC, “ao leitor”)

Ao final, ele parece estar dando um recado a nós – leitores referenciais – por intermédio do leitor de papel: “Se essa minha obra agradá-lo, fino leitor, parabéns! é porque você conseguiu apropriar-se do segredo e entrou na ‘sociedade de discurso’. Senão, você não está apto a apreciar o meu livro”.

Esse é o prólogo de um “defunto autor” que, no decorrer de suas memórias, “se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo”³.

³ Ver “prólogo da terceira edição” de MPBC feito por Machado de Assis.

3 O LEITOR COMO CONTORNO DA “VONTADE DE VERDADE”

Por que algumas regiões do discurso nos são altamente proibidas? O que Brás nos quer ocultar? Já está em tempo de tentarmos apurar essas questões. As “regiões do discurso” aqui referidas podem ser, por vezes, preenchidas na figura do leitor de papel. Vejamos um exemplo no capítulo em que Virgília, a amante de Brás, é descrita:

Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, - devoção, ou talvez medo; creio que medo.

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lês, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz, - tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto. (MPBC, cap. XXVII).

Brás Cubas descreve a amante “em poucas linhas” e logo depois diz ao leitor de papel justamente isso. Mais à frente, ele diz “Tu que me lês”. Ele se dirige a quem? A Virgília? Não. O nosso finado continua se dirigindo ao leitor de papel que já estava presente no período anterior. Na verdade, neste trecho, a Virgília, a quem ele se dirige, nada mais é do que a figura desse leitor, que ganha vez e voz: “Mas, dirás tu, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?” O leitor de papel torna-se agente do discurso, instaura-se no lugar de contorno da “vontade de verdade”, recolocando-a contra a “verdade” que Brás representa. E nós – leitores referenciais – identificamos com este outro leitor a ponto de exclamarmos um “É mesmo! senhor Brás Cubas, como consegue discerni-la?” Mas ele, dono de si e do discurso, detentor de poderes de coerção, interrompe a reflexão desse leitor e, por conseguinte, a nossa, fazendo-nos perder esse laço que nos une ao leitor de papel. Perdemos nossa identificação com ele, pois não queremos ser enxovalhados, chamados de indiscretos e ignorantes: “Ah! Indiscreta! Ah! Ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz Senhores da Terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos” (MPBC, cap. XXVII). Desse feito, passamos rapidamente a nos identificar com Brás

Cubas, sacudimo-nos de prazer ao sermos transportados para um discurso aparentemente filosófico dito por ele, mas como se fosse proferido por todos nós:

Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes (MPBC, cap. XXVII).

Porém, temos que romper com a ordem que se estabeleceu. Nós, leitores referenciais, podemos romper com a identificação com Brás Cubas, daí descobriremos o que ele nos quer ocultar. Para isso, precisamos do leitor de papel, não podemos nos desviar de suas indagações, temos que enfrentar os enxovalhos de Brás junto com o leitor de papel e não nos desviarmos de nosso intento.

Vejamos o capítulo “O senão do livro” em que Brás nos diz: “Começo a arrepende-me deste livro (MPBC, cap. LXXI)”. Por quê? Talvez porque se sinta ameaçado, ele e seu “discurso verdadeiro”. Continuemos:

Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham e ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair (MPBC, cap. LXXI).

Há um recado ao leitor de papel (agora nós – leitores referenciais – postamo-nos ao lado desse leitor): “heis de cair, assim como eu”. Desdenha-se do leitor porque há um visio de medo. Brás sabe que ele é o seu maior adversário, pois consegue desvelá-lo em seus interstícios discursivos. Se seguirmos as

considerações do leitor de papel (questionador em **MPBC**), conseguiremos contornar a “vontade de verdade”, recolocando-a contra a “verdade” que Brás Cubas representa. Nesse sentido, avistamos o que Brás nos oculta e o enfrentamos: diremos que ele não tem o direito de agir desse modo pusilânime e inquisidor e que, ao descobrirmos os seus achaques discursivos, estamos nos instaurando no entre-lugar do discurso, descobrindo a “prodigiosa maquinaria” de Brás, que, como um vírus, permuta-se. Então, sabemos que é preciso trabalhar todo dia para que esse discurso coercitivo, representado por Brás Cubas e sua “sociedade de discurso”, não nos contamine.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último capítulo das memórias de Brás Cubas denominado “Das negativas” nos mostra a mediocridade desse sedutor discursivo: “não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento”. E, dessas faltas, há uma pior ainda: “coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto”. Mais uma vez ele nega a sua origem, pois o seu trisavô Damião Cubas “fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas (ASSIS, 1997, cap. III)”, ou seja, enriqueceu-se com o suor do seu rosto para deixar às futuras gerações um “grosso cabedal”. E o que ele chama de saldo é mais uma prova da sua mediocridade: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Em contrapartida, quando nós – leitores – percebemos a sua real intenção, o saldo torna-se nosso na medida em que se interrompe a geração de “discursos verdadeiros”, coercitivos e tendenciosos, ficando somente a sua autobiografia. E “nada corre o risco de ser tão envenenador quanto uma autobiografia, envenenador para si, de antemão, auto-infeccioso para o presumido signatário assim auto-afetado (DERRIDA, 2002, p. 87)”.

Agora, vamos à história dos subúrbios.⁴

⁴ Referência ao último capítulo de **Dom Casmurro** intitulado “E bem, e o resto?” em que Dom Casmurro sugere o começo de um romance, sendo que havia acabado de escrever a sua própria história. Há aqui uma referência, também, ao caráter coercitivo do discurso de Bento Santiago, o personagem-narrador de **Dom Casmurro**, que narra a sua história segundo a sua frívola intenção de desqualificar a figura de sua esposa Capitu. No entanto, isso já é obra para um outro ensaio.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 1.

BAPTISTA, Abel Barros. **A formação do nome**: duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Unicamp, 2003.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou (A seguir)**. São Paulo: UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: Ed. 34, 1996. v.1.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Ed. 34, 2000.